

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 39
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 139 — Domingo, 5 de Fevereiro de 1956

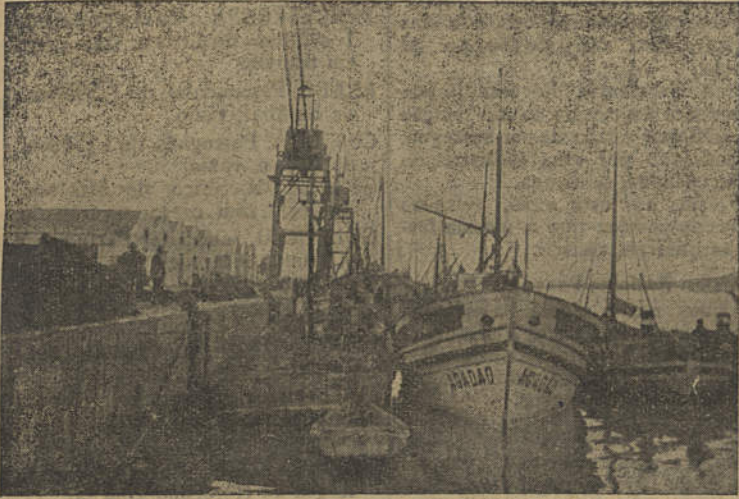
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPRE E LEIA
"CARA ALEGRE"

A melhor revista
portuguesa de humorismo

A venda nas Livrarias — Preço 4\$00

AVENÇA



À falta da doca, cuja construção deve começar dentro de semanas, as nossas traineiras são forçadas a acostar ao cais comercial e a descarregar nele o peixe e as redes, inconvenientes que desaparecerão com a abertura da doca de pesca

NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS o Estado recebeu 22.254 contos

DO IMPOSTO DO PESCADO EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NADA como os números para nos dar uma ideia exacta da situação em que se desenvolve qualquer actividade que expresse o esforço humano na sua faceta material. Na orografia acidentada do espirito, os números carecem de expressão. Não passam de símbolos frios, cuja utilidade não vai além do encabeçamento das páginas, disciplinando o escrito e facilitando naturalmente a sequência da leitura. Outros valores — e estes de grande transcendência — têm os números para os matemáticos...

Para nós, nesta cozeinha e árdua labuta quotidiana, os números alcançam, na circunstância presente, um valor expressivo que não pode deixar de impressionar quem deles tome conhecimento. Nos dez últimos anos, transaccionou-se, na nossa lota, peixe no valor de 317.916 contos, do qual o Estado, só pela verba do pescado, arrecadou a soma de 22.254 contos. Este número não deixa de impres-

sionar e consente-nos a legítima velevidade de pedirmos o que, à face da justiça, ninguém nos pode negar.

De certo que ninguém
(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

Dragagens no Guadiana

O Serviço de Dragagem deste porto, composto pela draga «Möwe», rebocador «Rival», e respectivos batelões, estão a proceder ao desassoreamento do rio, no Pomarão, trabalhos que devem durar uma semana.

TEMAS EDUCATIVOS

CÍRCULO VICIOSO

POR VICTOR DE SÁ

SE há extensos documentos que por vezes ocupam páginas inteiras dos jornais e que, pelo hermetismo do estilo, pelo especialismo do conteúdo e pelo capciosismo da intenção, não compensam o tempo que se gastaria a lê-los, — esse não é o caso dos últimos documentos tornados públicos pelo Ministério da Educação Nacional, quando em 5 de Dezembro (ver jornais do dia 4) foi feito balanço às actividades da Campanha Nacional de Educação de Adultos. O

problema do analfabetismo e da extensão cultural foi posto em termos vigorosos, as afirmações foram incisivas e parece que se procurou um pouco rasgar o manto diáfano da fantasia, deixando a descoberto a nudez salutar da verdade. Em oposição às tendências de um retorno à diplomacia secreta que já fez a sua época, esta parece-nos, de facto, a maneira mais salutar de pôr os problemas: reduzindo-os à sua expressão real, expondo-os francamente, ainda que a verdade nos choque.

Já por mais de uma vez temos defendido que sem uma mentalidade viril, avessa a histerismos, não se poderão pôr em equação os problemas candentes que nos afligem.

Ora, por mais convencidos que haja por aí de que este torrãozinho ocidental da Europa é um país de doutores, a verdade é que, no plano universitário, ainda em 1951, Portugal figurava com uma percentagem de 0,183 estudantes, segundo o Boletim da Associação Internacional das Universidades, invocado pelo sr. Reitor da Universidade de Coimbra, quando da sessão inaugural

VAI SER UM FACTO

O PARQUE DE CAMPISMO

NA NOSSA MATA?

NO passado dia 28 de Janeiro, efectuou-se uma reunião, na Câmara Municipal desta vila, a que assistiram os srs. Matias Barroso Gomes Sanches, vice-presidente da Câmara, em exercício; eng. João Manuel Gomes Barroso e Manuel da Silva Domingues, membros da Comissão de Turismo deste concelho; Olavo J. Fernandes de Terroso, Vasco de Oliveira e Manuel Martins Fernandes, respectivamente, presidente, vice-presidente e vogal da Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Campismo, e Manuel Francisco de Horta e Rui Martins, dirigentes dos núcleos campistas «Flor de Lis» e «Estrela Cintilante», desta vila.

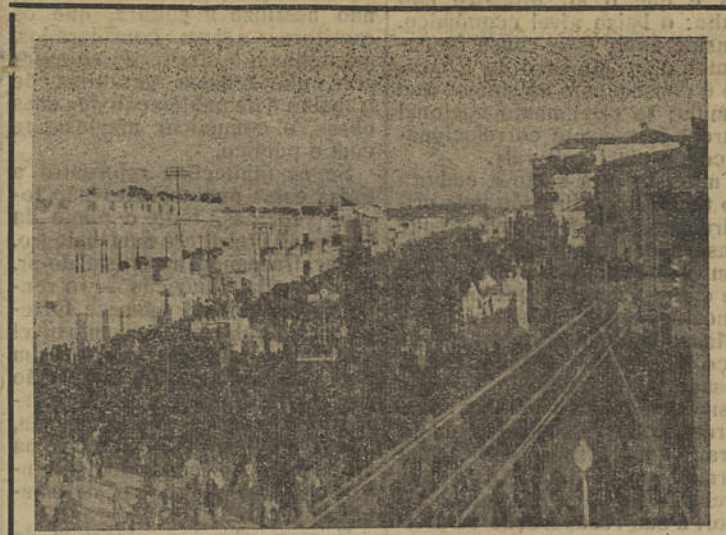
O fim desta reunião foi proceder-
(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

OS GRANDIOSOS FESTEJOS COMEMORATIVOS DAS "BODAS DE OURO" DO CARNAVAL DE LOULÉ

que têm lugar nos próximos dias 12, 13 e 14 deste mês, com Batalhas de Flores e um desfile de 40 carros alegóricos, prometem revestir-se do maior brilho e extraordinária animação

A COMISSÃO Organizadora dos festejos comemorativos das Bodas de Ouro do Carnaval de Loulé, que têm lugar nos próximos dias 12, 13 e 14 do corrente, não se tem poupado a esforços para que os mesmos se revistam do maior brilho, beleza e esfuante alegria, correspondendo, assim, às melhores tradições do carnaval louletano, e procurando que a sua tarefa, muito árdua, e, por vezes, bastante ingrata, seja coroada de absoluto êxito.

No desejo de tornar conhecido do público o Programa das Festas, que já se encontra elaborado, dando-lhe a maior expansão possível, foram convidados representantes dos jornais algarvios e correspondentes dos diários de Lisboa e Porto, para uma reunião, que teve lugar na passada 4.ª feira, à noite, na sala nobre dos Paços do Concelho de Loulé. Da imprensa algarvia, estiveram presentes o sr. dr. Mário Lyster Fran-



LOULÉ — Avenida José da Costa Mealha, recinto onde se realizam as tradicionais Batalhas de Flores

co, illustre director do nosso colega «Correio do Sul» e redactor-regionalista do «Diário de Notícias», e o sr. João Adelino Dias Pena, nosso prezado director. Presentes, também, os correspondentes dos jornais «Diário de Notícias», «O Século», «Diário de Lisboa»,

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

Engenheiro MASCARENHAS GAIVÃO

A fim de tratar de diversos assuntos de interesse para a nossa provincia, esteve durante alguns dias em Lisboa, tendo já regressado a Faro, o sr. engenheiro Manuel de Sárea Mascarenhas Gaivão, illustre governador civil do Algarve.

PORQUÊ?

Nas várias linhas da sua exploração, a C. P. admite a marcação prévia de lugares para todas as classes, mediante uma determinada taxa. Tal vantagem, porém, não é concedida aos miseros passageiros das linhas do Sul e Sueste, talvez porque devam ainda expiar algum delicto misterioso...

Vale a pena assistir ao que se passa no Barreiro, quando se pretende tomar comboios para as plagas a sul do Tejo, e ficar-se-á edificado sobre o carinho especial que a C. P. merecem os passageiros desta metade sul do País. Porquê?!



Rapatigas de Loulé confeccionando os vistosos chapéus, de empreita que os banhistas tanto apreciam

ARTESANATO ALGARVIO

O «MENSÁRIO das Casas do Povo», que tem feito larga e frutuosa propaganda do artesanato, inseriu no seu último número um interessante artigo sobre o artesanato algarvio, do qual pedimos licença para transcrever o seguinte trecho:

Verifica-se no Algarve o mesmo fenómeno que vamos encontrar nas outras provincias por-

tuguesas: as regiões da serra «guardam» com muito mais persistência e convicção as tradições, os usos e costumes, do que as regiões do litoral. E, sem exageros nem favoritismos, que seriam inexplicáveis numa crónica fiel, impõe-se, ao falar nas tradições algarvias, citar em primeiro lugar e com justo relevo o concelho de Loulé. Há, efectivamente,
(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Pensem bem e digam

se não é verdade!

As pessoas que apregoam a sua bondade temem, afinal, que ela não seja suficientemente visível.

Completar o rifão

Há duas maneiras de conhecer o vilão. Uma, quando lhe metem a vara na mão. Outra, quando lhe tiram.

Tão bonito, o maganão

Certas pessoas não teriam tanta vaidade no seu dinheiro se não escondessem a maneira como o ganham.

Futuro

Quando leio nos jornais: «Fulano tem um grande futuro à sua frente», fico logo de pé atrás...

Algo

Há pessoas que só falam quando têm algo para dizer.

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

DR. ALONSO VASQUES

Já se encontra em franca convalescência da doença que o reteve no leito durante algum tempo, o nosso prezado amigo sr. dr. Alonso Vasques, illustre presidente da Câmara Municipal desta vila e dedicadíssimo director-clínico do Hospital da Misericórdia local.

O «Noticias do Algarve» apresenta ao sr. dr. Alonso Vasques cordiais cumprimentos, fazendo sinceros votos pelo seu completo restabelecimento.

Banco Português do Atlântico

Este importante estabelecimento bancário teve a amabilidade de nos remeter um exemplar do Relatório, Balanço e Contas, respeitante ao exercício do ano de 1955.

Da sua leitura verificamos que o crédito concedido pelo Banco no ano findo superou largamente os números do ano de 1954. Foram descontadas letras no valor de três milhões e 17 mil contos.

Os depósitos, em 31 de Dezembro, atingiram o montante de um milhão trezentos e vinte quatro mil contos, ou seja, mais cento e setenta e dois mil contos que no ano anterior, o que reflecte bem a simpatia e confiança do público por esta instituição de crédito.

Será proposta à Assembleia Geral, convocada para 10 de Março próximo, a elevação das reservas para 50 mil contos do que resultará a soma do capital e reservas atingir 100 mil contos.

A conta de resultados mostra lucros brutos em 1955 de esc. 57.045.546\$76, tendo sido apurado o lucro líquido de esc. 14.210.488\$12.

E' evidente a excelente situação do Banco Português do Atlântico, cujos números apresentados na síntese do Balanço, reflectem a perfeita liquidez dos valores do seu activo.

NOVO MÉDICO MUNICIPAL

em Castro Marim

Tomou posse do lugar de médico municipal e de subdelegado de Saúde de Castro Marim o sr. dr. José Afonso Gomes.

O acto foi bastante concorrido, pois o distinto clínico tem exercido a sua profissão, há mais de um ano, como facultativo das Casas do Povo de Azinhal e Odeite, tendo grangeado, em todo o concelho, grandes simpatias.

A posse foi-lhe conferida pelo illustre presidente do Município, sr. Jacinto Andrade de Figueiredo, que fez o elogio das qualidades do empossado, o qual agradeceu. No final, foi muito cumprimentado.



apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

ESTOU satisfeito por ter escrito a minha crónica do n.º 136 do «Noticias do Algarve», porque, se não logrou quaisquer outras virtudes, teve pelo menos a de merecer a douta atenção do dr. Albano de Lencastre, que nos veio dar o seu valioso depoimento sobre um tema de flagrante actualidade e cujo debate gostaríamos de ver generalizado nestas colunas e, se não fosse pedir muito, em toda a Imprensa, porque, sendo um dos mais importantes para a vida da Nação e para o revigoreamento da Raça, tem de ser agitado, ganhar em grandeza e em esclarecimentos desapaixonados, como aquele que nos dá o illustre articulista, a posição de urgência a que de há muito tem jus. De resto, os proble-

mas que verdadeiramente interessam à Nação, tanto em Portugal como em qualquer outra parte, só podem encontrar justa solução, se forem amplamente debatidos, sem que se ocultem os aspectos «feios» que porventura possam ter. Se a censura é má, é má, se é boa é boa. Tenhamos o mérito de reconhecer o que verdadeiramente somos.

Não conheço o sr. dr. Albano de Lencastre, mas o que importa, verdadeiramente, é que tenha entrada no debate e o tenha feito de forma tão brilhante e com tanta autoridade —aquela, precisamente, que eu não tenho. Aquilo sobre que posso escrever ou falar são os factos comensais do dia-a-dia, explicando-me quanto à aparên-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se nesta vila, onde veio assistir ao primeiro aniversário do seu sobrinho a sr.^a D. Maria Aleixo dos Reis, residente em Reguengos de Monsaraz.

De visita a sua mãe que se encontra doente, esteve nesta vila a sr.^a D. Ana Batista Barão, esposa do nosso estimado amigo e distinto colaborador sr. José Barão residente em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso prezado assinante sr. Manuel Henrique Teixeira, residente no Azinhal.

Encontra-se em Lisboa, acompanhada de sua esposa o nosso prezado amigo e assinante sr. Diamantino M. Baltasar, conceituado comerciante na nossa praça.

Com curta demora esteve nesta vila o sr. Joaquim Martins Rocharte, chefe da estação da C. P. e nosso prezado assinante na Luz de Tavira.

Esteve alguns dias no Porto, de visita a sua filha e genro, tendo já regressado a Portimão, onde retomou a clínica o sr. dr. José de Sousa Costa, nosso prezado assinante e ilustre presidente da Comissão Concelhia da União Nacional naquela cidade.

A fim de esperar seu marido, que regressa da Índia Portuguesa, onde esteve em serviço oficial, partiu para Lisboa acompanhada de sua mãe e irmã a sr.^a D. Antónia dos Santos Antunes, filha do nosso prezado assinante sr. José Maria Aguilera dos Santos.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso estimado amigo e assinante sr. António Hermenegildo, residente em Faro.

Nascimento

No dia 30 do passado mês de Janeiro, deu à luz uma robusta criança do sexo masculino a sr.^a D. Rita do Carmo Silva, esposa do nosso estimado amigo e assinante sr. Luís Félix da Silva.

Falecimentos

Jaime João de Deus
Em 17 de Dezembro último, faleceu nesta vila o sr. Jaime João de Deus, de 53 anos, operário fabril, natural desta freguesia. O falecido era casado com a sr.^a D. Ismália dos Mártires Monteiro e deixa 5 filhos, um dos quais bombeiro voluntário.

No funeral incorporou-se um contingente dos Bombeiros Voluntários desta vila.

A família enlutada, apresentamos sentidos pésames.

D. Rosa da Conceição
Faleceu nesta vila, no dia 27 do mês findo, a sr.^a D. Rosa da Conceição, operária industrial, viúva, natural desta freguesia, com a avançada idade de 96 anos.

A extinta era mãe do sr. Manuel Gonçalves Barradas, porteiro da Fábrica Tenório, e do sr. José do Carmo Oeiros, mestre de fabrico de conservas em Angra do Heroísmo (Agores), aos quais endereçamos as nossas condolências.

Estes funerais, estiveram a cargo da «Agência Viegas», desta vila.

João Bartolomeu Cardoso Socorro
Em Olhão onde residia, faleceu no passado dia 31 de Dezembro o sr. João Bartolomeu Cardoso Socorro, natural desta vila. O extinto era esposo da sr.^a D. Francisca Sales Socorro e pai dos srs. Miguel Sales Socorro e João Sales Socorro, residente na Florida e das srs.^{as} D. Francisca Sales Socorro, D. Luzia Sales Socorro e D. Jesuína Sales Socorro.

O funeral teve excepcional acompanhamento, tendo comparecido inúmeros amigos da sua terra natal, pois o falecido era pessoa muito estimada.

O «Notícias do Algarve», apresenta à família enlutada sentidos pésames.

CALENDARIOS RECEBIDOS

Têm tido a gentileza de oferecer ao «Notícias do Algarve» os seus calendários de publicidade, para o ano corrente, algumas reputadas firmas do nosso país. Hoje registamos as amáveis ofertas da «Sacor» e de «A Confidente» com seus artísticos e práticos calendários, que muito agradecemos.

Temas Educativos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

E' destas realidades concretas e não de qualquer plano metafísico que se tem de partir para obter solução ao problema da nossa cultura, da extensão cultural que hoje em dia é dirigida e já praticada em qualquer país civilizado. Não somos, ao contrário do que para aí se supõe, um país de doutores, mas sim um país de analfabetos. Se assim não fosse, não havia sequer razão de ser para a Campanha Nacional de Educação de Adultos.

Entre as causas do analfabetismo que são referidas pelo sr. Ministro da Educação, no documento a que nos reportamos — número reduzido de escolas e sua deficiente distribuição, assistência irregular às aulas, dificuldade de recrutamento de agentes de ensino por falta de remuneração conveniente — uma há que por sua vez explica todas as outras e que o sr. Ministro não omitta: o baixo nível económico. Considerando esta causa fundamental, o sr. Ministro da Educação é consequente na síntese que formula: «o rendimento nacional aparece fortemente correlacionado com o nível cultural».

Tudo isto está certo e, embora não tenha sido afirmado pela primeira vez, o que revela é que estas razões fundamentais penetram na linguagem oficial — o que é um progresso que não podemos deixar de assinalar.

Mas — para quê, todo esse esforço ingente da campanha? Uma passagem do relatório que no mesmo dia foi lido pelo sr. Subsecretário da Educação é muito clara e elucidativa: «Se conseguirmos que o indivíduo que aprende a ler seja, de facto, um leitor, a sua recuperação terá sido um ganho efectivo; se não atingirmos esse objectivo, terá sido um progresso estatístico com o qual nada efectivamente se lucrou e alguma coisa se perdeu: substituiu-se uma realidade dolorosa, mas incitadora, por uma expressão perigosamente ilusória».

Parece-nos que esta passagem é clarividente e que todo o dramatismo do nosso problema de extensão cultural está contido neste dilema. Ou os letrados se transformam em leitores, isto é, aprender a ler é apenas o princípio de uma actividade que depois terá de se desenvolver sem limites; ou aprender a ler é apenas um fim em si mesmo, determinado pela realidade internacional da UNESCO, e então tudo o que se tem feito é risível e prejudicial.

O plano vai ser continuado com o recrudescimento de bibliotecas escolares e rurais e com a efectivação duma larga actividade editorial. Há até uma observação muito penetrante, que põe o dedo noutra das nossas chagas culturais, que é a inacessibilidade da nossa produção literária às grandes massas do povo: «Pelo seu preço e pelo seu nível, a quase totalidade dos livros existentes no mercado é inacessível à grande maioria da população. Uma diferenciação social muito marcada tem, entre outros defeitos, o do estilo, o nível dos problemas e o carácter das preocupações reflectidas reservarem quase toda a nossa literatura à gente da cidade portadora de regular nível cultural. E o preço pelo qual os livros podem ser vendidos igualmente exclui a possibilidade de chegarem às mãos do povo». E' também muitíssimo justa esta observação. Nós próprios, há mais de 15 anos que vimos batendo esta tecla, não só por palavras, mas até por obras.

Passando agora do enunciado muito justo do problema, à maneira prática de o resolver, é que não envergamos nos textos oficiais uma saída decisiva do círculo fechado.

E' que toda a actividade cultural tem um fim essencial a atingir. Cultura não é apenas o espantoso duma palavra. A cultura tem como fim o homem, o desenvolvimento das suas faculdades, a sua dignificação, a sua libertação. A cultura das grandes massas da população é uma conquista dos tempos modernos. Todos os países civilizados já hoje em dia inscrevem a ignorância como uma das formas de opressão. Cultura é libertação do homem dos terrores da ignorância.

Certo é que no relatório se afirma, a certa altura: «a intenção é que da leitura de uns (livros), ele (letrado) seja levado à leitura de outros». Mas isso nada representa se os «outros» forem apenas uns tantos ou quantos, uns determinados livros seleccionados pelos Serviços da Campanha, tendo como objectivo a realização de uma cultura salutarmente portuguesa e popular — como expressamente se afirma. Não há culturas salutarmente insulubres. Como não há culturas restritamente portuguesas, nem restritamente populares. A cultura tem por âmbito o universal. Só na medida em que é

universal dá relevância aos valores nacionais. Um plano de extensão cultural, que tem como preocupação confinar-se, está desde logo comprometido pela contradição em que se coloca.

Por outro lado, toda a cultura exige expressão, diálogo, debate e disputa de problemas. Não é verdadeiramente culto aquele que aceita passivamente sabedoria em pilulas, mas o que busca sinceramente o esclarecimento das suas dúvidas, o que exercita o seu espírito por uma ginástica constante da dialéctica. Se este exercício não se puder fazer, se o diálogo não for estabelecido, se a crítica não se estimular, se não se extinguir outro elemento de opressão que é o medo — também nos parece que sem tudo isso, que são necessidades elementares da cultura, também a Campanha não se libertará do círculo vicioso reconhecido. E' elementar, numa sociedade que não hostilize a cultura, que os escritores sejam considerados, que tenham o direito de se associar, que tenham garantias de trabalho e de publicação das suas obras, e comunicar amplamente com o publico.

Se as limitações referentes a todas estas necessidades não forem vencidas, todo o plano da Campanha resultará num malogro.

Parafraseando a síntese do sr. Ministro da Educação — «o rendimento nacional aparece fortemente correlacionado com o nível cultural» — diremos que, assim como as limitações na circulação comercial conduzem ao definhamento de uma economia fechada, assim também as limitações na circulação do pensamento conduzem fatalmente ao definhamento da cultura.

E esse não é o objectivo da Campanha. Portanto, o círculo vicioso terá de ser corajosamente rompido.

Victor de Sá

Mães ou Criminosas?!

Passou-se, não há muito tempo, em certa vila da provincia, um facto que profundamente chocou todos os que dele tiveram conhecimento. Duas crianças, a mais velha com 4 anos apenas, acordam alta noite e chamam pela mãe. Não estava em casa. As inocentes levantam-se do leito, afiladas, pois mais ninguém havia em casa, e vêm para a janela alta, a chorar angustiosamente, e em risco de se despenharem na rua.

Foi preciso que uma vizinha caridosa recolhesse as pequenitas, até que a desnaturada «mãe» voltasse do baile de máscaras aonde fora divertir-se, muito tranquila da sua vida.

Terá uma mulher deste jaez o direito de receber o sagrado nome de mãe?

Nos últimos dez anos

o Estado recebeu 22.254 contos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

nos nega o que razoavelmente está legitimado pela força do nosso trabalho, que mais produtivo seria se condições melhores nos oferecessem para a sua execução. Em todo o caso, não quisemos deixar fugir os números e aqui os apriamos, expondo-os no pelourinho da letra impresa à análise dos curiosos e dos responsáveis.

E já agora, que estamos a somar números, não deixaremos que fujam uns tantos que andam aqui a fazer-nos negaças e que, como aqueles já citados, reproduzem, em sentido figurado, é claro, sangue e suor. Referem-se eles a nove anos de actividade portuária do Sotavento do Algarve. E dizem-nos, os atrevidos, com a frieza empedernida que sempre caracterizou tal género de símbolos, esta coisa simples e definitiva: nesses nove anos, que se contam de 1946 a 1954, a média de tonelagem exportada pelos portos do Sotavento foi a seguinte: Vila Real de Santo António, 189.868; Faro, 18.302; Olhão, 6.652 e Tavira, 1.660. Média da tonelagem importada: Vila Real de Santo António, 18.672; Faro, 4.950; Olhão, 2.997 e Tavira, 903.

E' claro que, apesar da crueza destes números, do

PROVINCIA

TAVIRA

Comissão Concelhia da União Nacional

A nova Comissão Concelhia da União Nacional ficou assim constituída: presidente, dr. Jorge Augusto Correia; vice-presidente, João Aldomiro de Sousa; vogais, José Joaquim Gonçalves, Francisco Domingos Martins e Marcelino Augusto Galhardo. Vogal substituto, António José Palmeira.

São pessoas de idoneidade moral, e cuja acção política já desenvolve todos os conhecimentos, e esperamos que continuem, na nova missão que lhes foi destinada, a zelar pelo bom futuro do concelho de Tavira.

Balões de Carnaval

Iniciaram-se no passado domingo, na «Sociedade Orfeónica» e no «Clube Recreativo Tavirense», e já se anunciam também os bailes de carnaval no «Teatro António Pinheiro», para divertimento da população desta cidade.

Espera-se grande animação, pois os conjuntos musicais que actuam são dos melhores que é possível arranjar nesta localidade.

De luto

Pelo falecimento de sua mãe, que residia na capital, encontra-se de luto o nosso prezado amigo sr. Manuel dos Santos Prado, proprietário, residente nesta cidade.

Tabletas

Conforme noticiámos anteriormente, começou nesta cidade a cobrar-se uma licença camarária pela afixação de tabletas, letreiros e mais fórmulas de propaganda comercial. Como as referidas licenças são um tanto caras, assiste-se na cidade ao apeamento de tabletas, letreiros e toldos.

Não faz sentido que o comércio, que já se encontra assoberbado com mil e uma alcavalas, o seja agora com mais esta. E' com pesar que assistimos a isto, porquanto Tavira, que deveria progredir, continua a marcar passo, pois com os estabelecimentos sem tabletas parece uma aldeia. Bom seria que a nossa edilidade revisse bem o assunto, de maneira a contemporizar com os seus contribuintes, pois o comércio é numa cidade um dos factores principais, e como tal há que lhe conceder uns certos privilégios que nunca ficam mal a uma Câmara. — e.

A tiragem e a expansão do «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.

ODELEITE

Visita Pascal

Informam-nos de que foi fixada para o dia 12 do corrente mês, a Visita Pascal a Odeleite.

Um grupo de amigos de Odeleite, com a devida autorização, propõe-se levar a efeito uma modesta mas significativa manifestação de graças.

Sua Excelência Reverendíssima procederá na mesma data à benção do sino que acaba de ser entregue, remodelado por uma indústria da especialidade, de Braga.

Ficam, por este meio, avisadas todas as pessoas que à mesma festinha queiram assistir.

Notícias Pessoais

Vimos nesta aldeia, a semana passada, os srs. Jacinto Andrade de Figueiredo, António Valentim Moreira Parra, Narciso André Pessanha e Manuel Esteves.

Nascimento

Na sua residência, deu à luz, no dia 29 de Janeiro, p. p., uma criança do sexo feminino a sr.^a D. Carmelinda Maria, esposa do sr. António Custódio.

Mãe e filha encontram-se bem.

Aniversários

Fizeram 23 anos, em 29 de Janeiro, pretérito, o sr. José Quintino dos Santos e a gentil menina Vénus Ferreira dos Santos.

Também em 4 do corrente completou 22 risonhas primaveras a prezada menina Isabel Cavaco dos Santos.

Falecimento

Com a assistência religiosa e após longa enfermidade, foi a enterrar, no dia 27 do pretérito mês, o sr. Domingos Leandro Afonso, de 75 anos de idade, natural de Casa Branca, onde sempre residiu e faleceu. Deixa viúva a sr.^a D. Maria Bárbara Gomes e era pai do sr. Manuel Gomes e da sr.^a Maria Bárbara Afonso, e sogro do sr. José Luís, guarda-fiscal.

O extinto era aqui muito conhecido e contava inúmeras amizades, sendo bastante considerado pela sua justeza de carácter.

O seu funeral foi bastante concorrido. A rapidez com que organizaram o funeral não permitiu que muitos amigos e família o acompanhassem à sua última morada.

A família enlutada, apresentamos a expressão do nosso pesar. — e.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

CARNAVAL

SERBENTINAS e CONFÉTIS
— em lindas cores —
MÁSCARAS, SURPRESAS, BRINQUEDOS e FOGOS DE ARTIFÍCIO
— próprios para Carnaval —

Aos melhores preços
Preços especiais para revenda

Peçam Catálogos grátis à Casa especializada nestes artigos

ANTÓNIO TORRÃO
Telefone 304
GOVILHÃ

cochete, o que não impede, em todo o caso, que lembremos que melhor serviríamos a Nação com o nosso sangue, o nosso suor e as nossas verbas bem espremidinhas, se — quem pode — fizesse a revisão do processo que extinguiu a nossa Junta Autónoma. Uma sentença que deixou confuso o inocente réu e perplexa a parte que nunca foi queixosa. — J. B.

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 28 de Janeiro a 3 de Fevereiro:

- Entrados:**
- MADALENA, Português, de 1 198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
 - ZE MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
 - TERCEIRENSE, Português, de 1 295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
 - ALABE, Panamenho, de 1.595 ton., de Setúbal, vazio.
 - COVILHÃ, Português, de 1.154 ton., de Lisboa, vazio.
 - GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Ceuta, com carga em trânsito.
 - GOLFINHO, rebocador Português e o batelão «Paredo», de 261 ton., de Lisboa, vazio.
- Saídos:**
- SHELL ONZE, Português, para Lisboa, vazio.
 - MADALENA, Português, para o Funchal, com sal, cortiça, figos e palma em obra.
 - TERCEIRENSE, Português, para Angra do Heroísmo, com sal.
 - GRANDSON Suíço, para Marselha e Genova, com cortiça e conservas.
 - ZE MANEL, Português, para o Porto, com enxofre.

FARMÁCIA DE SERVIÇO
Está de serviço permanente, de 4 a 10 de Fevereiro, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito - Telefone 31.

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)
São, em geral, pessoas excepcionalmente aborrecidas.

Ginástica
Um sábio francês descobriu que as formigas fazem ginástica. Aqui está um bicho com quem nós, portugueses, temos muito a aprender.

Amor é fogo que arde...
Quando as pessoas não amam, entretêm-se a definir o amor.

Certas palavras
Certas palavras servem à maravilha para certas pessoas mascararem certos interesses. Cosmopolitismo é uma delas.

Pessoal
A minha amiga E. tem um jello extraordinário de diplomata. E' que sai sempre airosoamente dos complicados sarilhos em que se mete.
Por exemplo, o meu vizinho
O trabalho — diz-se — é a fonte da riqueza. Geralmente, dos que não trabalham.
Maria Manuela Nunes

AVISO

Clube Recreativo Lusitano
Fica adiada, para data a anunciar oportunamente, a Assembleia Geral Extraordinária do Clube Recreativo Lusitano, a efectuar nas dependências do G'ória Futebol Clube.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

Na acção de processo ordinário que João Caetano Mateus, casado, mestre de Pesca, residente em Vila Real de Santo António, e outros, promove pelo Juizo de Direito desta Comarca de Vila Real de Santo António, contra a ré Sociedade de Transportes Bata, Lda., com sede nesta vila, foi nomeado representante especial desta ré, em Juizo, o seu sócio João de Brito Serina, casado, empregado de escritório, residente em Lisboa, na Rua Afonso Lopes Vieira, n.º 1-1.º. — Dto., o que se faz público nos termos da Lei.

Vila Real de Santo António, 2 de Fevereiro de 1956.
O Chefe da Secção de Processos
a) António Figueiras da Cruz VERIFIQUEI;
O Juiz de Direito
a) Francisco Nunes Correia

Uma crónica por semana

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

cia dos sucessos, sem os aprofundar intrinsecamente, mas dando sempre a oportunidade de que outros, mais informados, esclarecidos e competentes, possam vir explicar os porquês. O que importa ainda, é que os tantos drs. Lencastres que existem no País (sem desprimor algum para o ilustre articulista, que desde agora tanto aprecio), tenham o desassombro de vir expor, em palavras claras e acessíveis ao grande público, nestas colunas ou em quaisquer outras, o seu ponto de vista e dar-nos as suas autorizadas e valiosas lições.

Poderá ter-se depreendido, erradamente, da minha crónica que eu acusei os médicos. De maneira alguma. Tenho por eles uma consideração e um respeito que me inibiriam de tal, muito embora os entenda falíveis como todos os mortais. Se alguma coisa há a acusar, é o sistema; o dr. Lencastre reconhece-o quando sugere a junção das dispareas fontes de recurso que o doente tem (em teoria, pelo menos) e com o seu interessante exemplo do «Topa-a-Tudo».

Há um outro elemento que pretendo juntar agora ao que disse na minha crónica: a falta de medicamentos que, por vezes, se faz sentir nos hospitais. Talvez o sr. dr. Albano de Lencastre nos possa dar uma explicação, — sem que ela seja a falta de verba —, que, com muito gosto, arquivaríamos. No entanto, se a explicação for essa mesma: a falta de verba, convirá também ouvir a sua opinião sobre o assunto e as suas causas. Não basta hospitalizar um doente ou prestar-lhe prontamente os primeiros socorros. É preciso medicá-lo com eficiência e acerto, sem olhar às despesas (sempre inferiores ao custo de uma vida humana), com os medicamentos próprios e que foram reconhecidos entre os melhores para o efeito, através dos ensaios realizados.

Haverá também que justificar a falta de camas nos hospitais. Estará a solução em aumentar a capacidade e o número dos hospitais, sem falar na necessária reforma de alguns já existentes, principalmente em Lisboa, onde os mais antigos não satisfazem às indispensáveis condições que a evolução da medicina determinou, ou em procurar, dentro das possibilidades, evitar as doenças? A medicina deve procurar, tanto quanto possível, ser preventiva ou curativa?

Há uma parte da minha crónica que tem para mim, e talvez para um elevadíssimo número de indivíduos, um valor fundamental e excepcional, e que o sr. dr. Albano de Lencastre não abordou, mas sobre a qual seria interessante, na sua qualidade de médico e, sobretudo, de médico de provincia — portanto, em maior, mais íntimo e permanente contacto com doentes pobres —, ouvir o que tem para dizer e que muito será, certamente: Como pode um doente sem recursos tratar-se convenientemente? Não ponho já nesta pergunta o caso do dinheiro que irá gastar com o tratamento, porque admito desde já, embora seja pouco provável, que ele tenha assistência e tratamento gratuitos, e admito até que aquela e este sejam realmente perfeitos e eficientes, mas, tratando-se do chefe

de família, como vão viver os seus, sem que ele possa ganhar o seu sustento, embora nem só de pão viva o homem? E reparem que nem só ao indigente este aspecto da questão respeita. O modesto burguês tem ante os olhos o mesmo problema, e talvez com maior acuidade e de uma forma mais angustiante. Tanto importa ser empregado como operário, pequeno comerciante como industrial, e estes últimos em piores circunstâncias ainda, porque têm sempre que pagar e nada que receber. Têm bens, ainda mesmo quando estejam à beira da falência.

É provável que o médico «Topa-a-Tudo» seja culpado do estado de cousas verificado, mas temos de corajosamente admitir que ele não é causa mas efeito de um sistema, é um produto típico desse sistema: o sistema assistencial vigente neste nosso paisagisticamente lindo Portugal. De resto, há muitos médicos «Topa-a-Tudo» que levam caro pelas consultas dadas nos seus consultórios, que tratam os doentes por tu e que têm um nome a respeitar.

Se a assistência fosse gratuita, como o foi na Inglaterra, e não queremos tomar aqui o seu sistema como exemplo, talvez fosse mais eficiente. Desta medida resultaria imediatamente, à parte dos extraordinários benefícios que estão ao alcance da visão de qualquer indivíduo, o desaparecimento da fauna endinheirada que vai ao médico por luxo, simplesmente para contar às pessoas amigas os seus supostos achaques e citar, ao chá, os largos escudos dispendidos em custosas consultas, operações e clínicas. Um outro resultado, também imediato, seria acabar com os maledícos «Topa-a-Tudo».

Atentemos, porém, em que, se algum dia criarmos um novo sistema assistencial, não o deveremos firmar em bases ríspidas. Todos os sistemas têm de ser progressivos e evolutivos, para não se transformarem em dogmas e herdar-lhes os inevitáveis defeitos.

É preciso um sistema dinâmico, vivo, maleável e indivíduos empreendedores, honestos e esclarecidos para o orientarem no verdadeiro sentido, para lhe darem o impulso indispensável ao seu bom funcionamento.

As colunas do «Notícias do Algarve» — jornal progressivo e sempre atento aos grandes problemas — continuam abertas ao debate, e oxalá que possa resultar dele alguma coisa de valioso para maior engrandecimento da pátria de Cambes.

José dos Santos Marques

Vai ser um facto o Parque de Campismo NA NOSSA TERRA?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

«se ao estudo do local próprio, na nossa mata, para a construção dum Parque de Campismo, com todas as condições necessárias à prática deste salutar desporto, como neste semanário anteriormente foi preconizado por um nosso distinto colaborador.

No dia 29, procedeu-se a demorada visita à Praia de Monte Gordo e Mata Nacional, para se estudar «in loco» as condições do terreno, tendo os nossos visitantes, manifestado em palavras elogiosas, a sua inteira satisfação pelo resultado deste primeiro contacto. Consta-nos que vai tratar de obter-se, junto das entidades competentes, que os trabalhos de construção do Parque de Campismo em Vila Real de Santo António tenham início já em Maio ou Junho deste ano.



DESPORTO FUTEBOLO

CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO (Zona Sul)

Realizou-se, no último domingo, a 2.ª jornada do Campeonato Nacional da III Divisão, cujos resultados na Zona D — 8.ª Série — foram os seguintes:

S. Domingos, 2 — Lusitano, 1
Silves, 1 — Esperança, 2
Despertar, 2 — Serpa, 1

S. DOMINGOS - LUSITANO

Jogo disputado no Campo «Cross Brown».

Árbitro: João Pimentel.
S. Domingos: Zarcos; Horta e Nunes; Fernandes, Artur e Martinho; Rogério, Ruivo, Luz, Gualdino e Brás.

Lusitano: Ramos; Rui e Viegas; Padessa, Pescada e Gonçalves; Amílcar, Marco, Raimundo, Travaços e Parra.

Marcadores: Rogério e Gualdino, pelos Mineiros, e Travaços, pelo Lusitano.

O Lusitano deslocou-se no passado domingo à Mina de S. Domingos — acompanhado de grande falange de adeptos — para disputar um encontro com o clube local, a contar para o Campeonato da III Divisão, cujo resultado foi de 2-1, favorável à equipa mineira.

Este resultado ajusta-se ao desenhado do encontro, porque na verdade o S. Domingos foi a melhor equipa sobre o terreno, jogando sempre com muito entusiasmo e conseguindo desta maneira o triunfo.

O trabalho do árbitro foi muito bom.

SILVES - ESPERANÇA

O Silves, jogando abaixo das suas possibilidades, perdeu no entanto bem, frente à jovem e animosa equipa lacobrigense, cujos dois golos foram apontados pelo ex-júnior da época passada, Galaz.

DESPERTAR - SERPA

Jogo tecnicamente pobre, e triunfo justo da equipa de Beja, que conseguiu assim isolar-se no comando da classificação.

S. Salas

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
Despertar	2	2	—	—	4	2
Serpa	2	1	—	1	8	3
LUSITANO	2	1	—	1	4	2
Esp. Lagos	2	1	—	1	3	3
S. Domingos	2	1	—	1	3	8
Silves	2	—	—	2	1	5

Jogos para hoje:

Lusitano-Despertar
Serpa-Esperança
Silves-S. Domingos



Agradecimento

A família de Cristiana de Jesus Roque vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar, e bem assim às que a acompanharam até à sua última morada.

CASAS

Vendem-se 3 casas, na Rua Oliveira Martins n.º 31, 33 e 35 Informa-se nesta Redacção

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO (Zona Sul)

Olhanense, 2 — Oriental, 2

O factor sorte amparou a equipa lisboeta

A visita do Clube Oriental de Lisboa à vila cubista despertou extraordinário entusiasmo e expectativa nos aficionados algarvios, dada a classificação do onze lisboeta.

Assim, não nos surpreendeu que o velho campo Padinha registasse invulgar assistência. Os olhanenses envergaram camisola branca, visto que os seus adversários têm como cores o vermelho.

Embora a equipa lisboeta seja composta por um conjunto dos melhores valores futebolísticos da II Divisão, a sua visita à vila cubista — última deslocação ao Algarve nesta época — não se apresentava como presa fácil, porquanto tinham como adversário um dos melhores grupos da zona e além disso um dos mais sérios candidatos ao 3.º posto.

Com efeito, o jogo entre algarvios e lisboetas foi agradável de seguir, havendo fases de bom futebol, muita velocidade, vontade e muitos incitamentos e vibrantes aplausos por parte dos espectadores.

Mesmo quando o resultado estava favorável aos visitantes por 2-0, os adeptos do Olhanense aparraram com prolongados incitamentos a sua jovem equipa, que no fim conseguiu impor um empate aos seus adversários.

Quanto a nós, a equipa local realizou uma das melhores exhibições desta época. Houve, por parte dos locais, muita vontade, apego à luta e períodos de excelente futebol, faltando, porém, no capítulo de remate mais audácia, porque de contrário teriam alcançado um resultado favorável e surpreendente. Depreende-se, pois, que os rubro-negros foram os melhores no rectângulo.

O ferrolho adoptado pelos orientalistas e ainda a tarde inspirada do seu guardião Edmundo garantiu-lhes o empate, que, diga-se, não mereceram...

Os dois golos que obtiveram nasceram devido à tarde infeliz do substituto de Abade, que cumpria castigo federativo, e marcados contra a corrente do jogo.

O resultado com que findou o primeiro tempo (2-1) estava longe de traduzir a expressão verdadeira do encontro. Nos últimos quarenta e cinco minutos, o clube local dominou por completo os seus briosos adversários. Nesse período ficou bem patente a superioridade física dos olhanenses, que só não marcaram alguns golos devido à pouca audácia no capítulo de remate e à magnífica exibição de Edmundo.

Com o resultado final (2-2), os orientalistas continuam a ser os guias, lugar, aliás, que lhes assenta bem, e os olhanenses com leves aspirações ao 3.º lugar, se vencerem hoje, em Beja, o Desportivo, claro...

No Olhanense, merecem especial destaque os médios Poira e Reina, que continuam a ser o estio da equipa. No ataque, apenas Rangel e o estreante Jacinto Ferreira merecem nota, especialmente Ferreira, que para estreia realizou magnífico trabalho. Silva esteve infeliz e, quanto a nós, os dois golos que o clube sofreu só foram possíveis devido a essa infelicidade, e Ângelo esteve mal, perdendo até uma grande penalidade.

No Oriental, Edmundo em primeiro plano e toda a defesa merecem nota, e ainda Rogério, no ataque.

Inocência Calabote realizou trabalho impecável. Continua a ser um grande juiz de campo; de resto, bem auxiliado pelos juizes de linha.

Heroulano Valente

OS GRANDIOSOS FESTEJOS DO CARNAVAL DE LOULÉ

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

«Diário Popular», «Comércio do Porto» e «Primeiro de Janeiro», em Loulé e Olhão. Foram todos recebidos pelos srs. dr. Maurício Serafim Monteiro, um dos mais activos e dinâmicos organizadores do Carnaval Louletano; dr. Manuel Mendes Gonçalves, vice-presidente, em exercício, da Câmara Municipal; dr. António Joaquim de Almeida, secretário do Município, e a maior parte dos componentes da Comissão das Festas.

Na reunião que se efectuou seguidamente, e a que assistiu, também, o ilustre louletano sr. dr. José Bernardo Lopes, presidente da Comissão referida, foram expostos pelo sr. dr. Maurício Monteiro os principais objectivos e o especial significado dos festejos carnavalescos que vão levar-se a efeito. Salientou o fim altruista de que se revestem as tradicionais Batalhas de Flores de Loulé, cujo rendimento se destina ao Hospital da Misericórdia daquela vila, e pôs em destaque o seu valor como cartaz turístico da maior importância, não apenas para Loulé, mas para todo o Algarve, pois é evidente que uma grande parte dos milhares de pessoas que nos visitam nesta quadra do ano, em busca do espectáculo encantador das amendoceiras floridas, procura, também, o outro espectáculo, não menos encantador, dos carros alegóricos do curso louletano e a rija folia das suas Batalhas de Flores. Este ano, como seguidamente expôs o sr. Torres, o principal técnico da Organização, estarão presentes 40 carros alegóricos, de Loulé e freguesias, em que, mercê do esforço de todos e das mais dedicadas boas vontades, superará-se a, em beleza, os apresentados nos anos anteriores. Grupos folclóricos, como os famosos Pauliteiros de Miranda, Rancho Folclórico de Alte, Ranchos Infantis de Alte e do Parragal, Rancho Folclórico «Os Maritimos de Lagos» e o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Santo Estêvão (Tavira), além de Estudantinas de Faro, Olhão e Moncarapacho, darão este ano muito mais animação às ruas do recinto — sendo de notar que alguns desses grupos, como os Pauliteiros de Miranda, representam um pesado encargo. Duas Bandas de Música, a União Marçal Pacheco e Artistas Minerva, participarão nos festejos. Como inovação, haverá este ano um Desfile Carnavalesco, que constituirá, em parte, uma paródia ao Cortejo Histórico realizado em Lisboa, utilizando-se um vistoso e rico guarda-roupa, gentilmente cedido pelo Secretariado Nacional da Informação.

Grandes quantidades de «confetti», serpentinas e saquinhos, postos à venda, no recinto, a preços «de combate», fornecerão «munhões» baratíssimas, esperando a Comissão Organizadora, desta forma, contribuir para que as Batalhas de Flores atinjam, este ano, muito maior entusiasmo — sem excessos, que, diga-se em abono da verdade, nunca se verificaram em Loulé.

Os transportes, quer em caminho de ferro, quer em camionetas, encontram-se devidamente assegurados, devendo a C. P. estabelecer

um serviço especial de automotoras e comboios, de S. Marcos da Serra, Lagos e Vila Real, para Loulé, com transporte garantido em camioneta, da estação para a vila (6 quilómetros).

Por outro lado, a E. V. A. e a Rodoviária, além de outras empresas de camionagem da provincia, farão um intenso serviço de transporte de passageiros, de todos os pontos do Algarve para Loulé.

Em nome dos representantes da Imprensa que foram convidados para a reunião, o sr. dr. Lyster Franco agradeceu à Comissão a gentileza do convite e fez várias considerações acerca do Carnaval de Loulé, bem como a contribuição que para ele têm dado os jornais da Provincia, fazendo, a propósito, várias sugestões que mereceram o melhor acolhimento.

Publicamos, a seguir, com o maior prazer, o Programa das Festas.

DOMINGO GORDO

12 DE FEVEREIRO

Às 15 horas

I — Abertura das festas por bandas de música e girândolas de foguetes.

II — Chegada de SS. MM. os Reis do Carnaval de 1906 e 1956 e sua comitiva real.

III — Preito de vassalagem de El-Rei 1956 a El-Rei 1906.

IV — Saudação de boas-vindas do Alcaide-Mór de Loulé aos soberanos e proclamação real de S. Majestade-1956.

V — Interessante «Desfile Carnavalesco».

VI — Exibição dos principais Ranchos Folclóricos e Grupos de Estudantinas do Algarve, com a participação dos afamados «Pauliteiros de Miranda» (Duas Igrejas).

VII — Grande curso carnavalesco, constituído por 40 carros alegóricos, para início das famosas «Batalhas de Flores de Loulé».

VIII — Abertura do III Concurso, a prémio, de «Piropos» (Madrigais).

À noite — 1.º Baile da Comissão de Festas, animado por excelente «Orquestra Molero», um dos melhores conjuntos da Andaluzia e uma orquestra portuguesa.

SEGUNDA - FEIRA GORDA

13 DE FEVEREIRO

Às 15 horas

I — Abertura do 2.º dia de festas, por SS. MM. os Reis do Carnaval e comitiva real.

II — Leitura da proclamação real.

III — Repetição do engraçado «Desfile Carnavalesco».

IV — «Casamento à antiga», pelo Rancho de Alte.

V — Apresentação de novos motivos coreográficos e folclóricos pelos famosos «Pauliteiros de Miranda» (Duas Igrejas).

VI — Grande Curso Carnavalesco para repetição das «Batalhas de Flores de Loulé».

VII — Continuação do III Concurso de Piropos (Madrigais).

VIII — Eleição dos «Príncipes da Folia do Carnaval de 1956».

À noite — 2.º Baile da Comissão de Festas, animado pela «Orquestra Molero» e um conjunto português.

TERÇA - FEIRA GORDA

14 DE FEVEREIRO

Às 15 horas

I — Recepção a SS. MM. os Reis do Carnaval e comitiva.

II — Vistoso «Desfile Carnavalesco».

III — Exibição do consagrado grupo folclórico português n.º 1: «Pauliteiros de Miranda» (Duas Igrejas) Miranda do Douro.

IV — Última «Batalha de Flores» de 1956.

V — Eleição de Miss Carnaval-1956.

VI — Concurso e classificação do III Concurso de «Piropos» (Madrigais).

VII — «Hora da Serpentina» e dos «Confetti»-Dois combates entre os carros e assistência, a horas determinadas.

VIII — Eleição dos Grandes «Folhões do Carnaval» de 1956.

IX — Apoteose final, com surpresas.

À noite — 3.º Baile da Comissão de Festas, Corridinho a prémio, para disputa de um valioso objecto de arte, oferecido por uma Comissão de louletanos residentes em Lisboa.

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

REPARAÇÃO

COMETI uma falta. Devo tentar repará-la. Só eu sei que ela foi involuntária. Mais ninguém o sabe. Fiquei espantado quando pessoa amiga me chamou a atenção sobre ela. Foi como que uma revelação acusatória! E aborreci-me por isso. Quero dar uma satisfação à pessoa lesada. Mas quero, acima de tudo, ficar de bem com a minha consciência. E' o que faço, agora.

Foi na pequena notícia sobre a homenagem a D. Maria dos Anjos Neves. Tal notícia safu, no passado número, incompleta! Faltou a alusão à mensagem que foi lida em primeiro lugar. Escreveu-a José Barão, meu prezado amigo e conterrâneo. Nela explicava a razão da sua ausência forçada em tal festa. E também dizia do muito que devia à homenageada, sua professora — quando ele foi dos seus primeiros alunos, há mais de quatro dezenas de anos! E tal mensagem, pela forma elevada com que foi escrita; tal mensagem, pelo rendilhado literário que encerrava; tal mensagem, pelo cunho de justa admiração que patenteava, merecia não ter sido olvidada por mim, na referência que fiz no outro número. Mas esqueci-me. Não me ocorreu, quando rabisquei tal nota. Que me perdêsse José Barão, por essa falta. E acredite que foi involuntária.

E agora, leitor amigo (se acaso o tenho, há que dizer...) vou confiar-te um segredo. Mas é segredo — entendido? Se vai aos ouvidos do Director deste jornal, certamente que não admitirá estas mal alinhavadas escritas: — E' que eu escrevi (e escrevo, visto não haver outro recurso, pela atribuída vida que levo) tal croniqueta sobre os joelhos (autêntico!) em viagem de automotora, que tenho feito diariamente, nestas últimas semanas, de Faro a esta vila, e vice-versa. E é natural que as ideias e as recordações se baralhem, ao som monótono e incomodativo do veículo rodando sobre carris.

Será uma desculpa, isto?! Não é. E' apenas um ponto de tolerância para a falta havida. Como poderei eu continuar a escrever assim sem que venha a cometer faltas idênticas?! Será preferível desistir de escrever?!

CRUZAMENTOS

TENHO escutado diversas pessoas sobre o grave inconveniente das ruas da nossa vila. Não porque sejam mal calçadas, sujas, estreitas ou tortuosas. Nada disso. Apenas porque são autênticas ratoeiras para automobilistas e peões! Como são ruas transversais e de bastante movimento em ambas as direcções, daí o inconveniente. Por mais cuidado que haja da parte dos motoristas, o perigo existe em cada canto. Um ciclista que surge de repente; uma criança que atravessa a rua, sem tino; qualquer outro carro que surja em sentido contrário — tudo contribui para que o perigo esteja espreitando a cada passo!

— Eu quero melhor guiar nas ruas de Lisboa, que em Vila Real — desabafou um motorista, há dias, quando se justificava de um leve desastre sofrido.

— Mas o que alivra para que tal estado de coisas seja remediado?

— O mesmo que se faz em muitas terras: certas ruas, para se seguir num só sentido; e outras, para seguir-se num sentido oposto...

— E isso solucionaria o caso?

— Não, totalmente; mas suprimir-se-ia uma enorme percentagem de perigo. Bem, eu não percebo nada disto. Não tenho automóvel. Sou peão simples. E às vezes, também (confesso), esqueço-me dos mais elementares cuidados, ao atravessar uma rua. Por isso gostaria de que, quem de direito, atentasse neste assunto. Importante assunto, como se verifica.

POESIA

Se a poesia desse algo que comer, talvez eu quisesse, por ela, aprender...

Mas não. Não se come qualquer poesia... Morria-se à fome, num ou noutro dia!...

Por isso, assassino a pobre poesia, sem pena nem tino e sem alegria...

A. Vicente Campinas

Visado pela Comissão de Censura

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

LEITURA

SECÇÃO DE LITERATURA E CRÍTICA Orientada por N. RODRIGUES PENA

VAMOS LER ESTES ESCRITORES

EMÍLIO ZOLA

SE Balzac nos deu a sociedade francesa de 1789 a 1850, Zola, seguindo muito de perto os processos literários do autor de «Cesar Biotteau», retratou na série «Os Rougon Macquart» a vida dos últimos cinquenta anos do século XIX. Nessa época dominada pelo liberalismo e de relativa tranquilidade surgiram, no entanto, conflitos sociais, provocando, assim, quebras incessantes do equilíbrio na sociedade, que anunciavam as grandes perturbações e guerras a que iríamos assistir no próximo século. E' a época dos grandes empreendimentos, da construção dos caminhos de ferro, das poderosas sociedades anónimas, do predomínio da fusão do capital financeiro e industrial. Souo a hora dos banqueiros — gritará Lafitte, um dos financeiros mais influentes do tempo.

Faltando à obra de Zola a argúcia e subtileza psicológica que se encontram em Balzac, os romances do autor da «Taberna» atingem a grandeza de epopeia, onde as grandes multidões se agitam e trabalham. Pela primeira vez, as multidões anónimas, o povo dos bairros pobres de Paris e os trabalhadores do campo penetram na literatura e passam a constituir assunto para os temas de um escritor. Zola é simultaneamente um romântico e um realista. Romântico, por temperamento; realista, pela observação e por imposição da escola naturalista, que ele próprio criou e de que lançou as normas teóricas. Resistindo a uma adolescência difícil e cheia de vicissitudes, ingressando muito novo num modesto emprego numa livraria, bem depressa se daria conta das dificuldades que esperam todos os que iniciam a vida despojados de armas de luta e sem protecções. Inúmeras vezes se lamentará de não possuir um diploma oficial, a atestar habilitações literárias, que lhe permitisse um emprego melhor remunerado.

Este homem pacato, mas ambicioso, que se reclamará mais tarde do mais extremo cientismo, é um autodidacta. Esse rapaz sonhador, apesar de todos os revezes sofridos, traz a marca de todos os verdadeiros lutadores, dos que se não deixam sobsostrar aos primeiros embates da luta e acham que uma derrota só o consegue ser para os que a aceitam. Muito a segredo, Zola começa a elaborar o seu prodigioso programa. Verdaderamente, ainda não sabe se irá decidir-se pela poesia ou prosa. A fanfarrada da poesia huguesca soa-lhe ainda aos ouvidos; as suas primeiras tentativas em poesia constituirão um verdadeiro fracasso. Em vez de vender ou empacotar livros, Zola prefere escrevê-los, publicá-los. Sente-se uma força, uma força disposta a contrariar a rotina, a impor-se como uma opinião, um exemplo ao egoísmo e tacahez da maioria dos homens do seu país. E nos cadernos de notas que sempre o acompanham, vai apontando o espectáculo da vida, estudando os diferentes meios sociais, minuciosos apontamentos de pessoas, tipos, casos, que lhe servirão para os seus futuros romances.

E à medida que esses livros curiosos, apresentando novos assuntos, escritos numa forma violenta e apaixonada, nem sempre vazada nos princípios da pureza da sua língua, vão aparecendo, desencadeia-se uma tempestade de apupos, de grosserias e ameaças. E essas críticas, esses ódios suscitados pelo seu trabalho de gabinete, prosseguirão através dos anos, como um testemunho evidente de que a obra de Zola, apesar de todos os seus defeitos, permanece viva, transbordante de seiva e verdade.

Pois bem: a obra de Zola, na verdade, está aí a demonstrar a veracidade das suas observações, a exactidão dos seus quadros, a permanência das suas ideias. Leia-se a «Derrocada», «Germinal», «O Dinheiro», «O Paraíso das Damas», e temos de concordar que o método experimental do autor não era tão arbitrário como alguns dos seus críticos se empenham em afirmar.

Na «Derrocada», assistimos à vida dum exército em campanha,

à corrupção que lavrava nos altos comandos, e à hecatombe dum povo, que nos dá o processo que se repetiria tragicamente na última guerra de 1939; o «Germinal», talvez a sua melhor obra, um amplo quadro da vida dos mineiros, constitui o traço mais característico dos processos literários de Zola, a coexistência dum romantismo dado através do idílio de Catarina e Estêvão Lantier, e um realismo brutal na pintura violenta, ásperamente dura, da vida dos mineiros; «O Paraíso das Damas» traduz, numa forma eloquente, a luta da concorrência no campo económico, onde os fracos são impiedosamente batidos e eliminados, a absorção do pequeno comércio pelo trusts, todo o processo que inevitável e inexoravelmente conduz ao monopólio; em «O Dinheiro», é o predomínio da riqueza em forma de moeda, os cupões das sociedades anónimas, os habilidosos e inescrupulosos espartalhões, como Saccard que, jogando com a confiança e candura dos ingénuos, vão amealhando colossais fortunas. Julgo ter sido René Maublanc que disse que toda a obra de Zola é rica de ensinamentos e experiências para todos os leitores da nossa época.

Na verdade, ler a sua obra é encontrar o fio dos acontecimentos que estamos vivendo. Por isso se nos afigura que uma leitura proveitosa dos romances de Zola deve ser completada pela experiência que cada um de nós tiver destes últimos anos. Se assim o fizermos, verificaremos que toda a obra do autor de «Paris» permanece actual e constitui, na verdade, um dos documentos mais completos e elucidativos não só do fim do século XIX, mas também dos dias inquietos que vivemos no presente.

ANTOLOGIA Crítica

O PROCESSO de elaboração do conteúdo pelo artista realiza-se dificilmente, dolorosamente, contraditoriamente. Dum lado, este processo é necessariamente individual, subjectivo. Por outro, a sua subjectividade, as limitações da sua individualidade — ou ainda a sua objectividade de classe, sobretudo quando o artista pertence a uma classe dominante em declínio ou destinada a declinar — impedem-no de apreender plenamente o conteúdo e de o elaborar formalmente. O artista deve resolver o conflito entre a objectividade da arte e da obra (a apreensão do conteúdo e a sua expressão num objecto, a própria obra) e a subjectividade (individualidade, as limitações pessoais e as limitações inerentes à posição que ocupa nos quadros da sociedade). O conflito não é insolúvel, porque já é o mesmo conteúdo que aparece, dum lado, como objectividade (realidade a apreender e a exprimir), e por outro lado, como subjectividade (vida individual no quadro duma classe). Mas o conflito existe e a solução deve-se conquistar por um trabalho quase sempre longo e doloroso, (os trinta ou quarenta mais romances folhetinescos escritos por Balzac, na sua juventude, antes que tivesse dominado o conteúdo e concebido a forma, isto é, o plano genial da Comédia Humana).

A definição da arte pelo realismo e o discernimento do conteúdo não é, pois, senão em aparência incompatível com o facto de que a arte é escolha, organização, esforço, conquista duma forma.

Henri Lefèvre «Contribution a L'Esthétique»

LITERATURA E PROPAGANDA

UMA das críticas habituais às novas correntes da literatura, nomeadamente ao neo-realismo, baseia-se na infundada razão de que essas obras procuram, velada ou abertamente, objectivos de propaganda de sistemas sociais e ideias políticas. Uma composição literária — seja em poesia, ou prosa — obedece a leis determinadas, que vão desde a sintaxe, envolvendo a correcção da língua em que se moldam os pensamentos e as imagens, até ao abstracto da obra. Não encontramos crítico, quer se encontre nas hostes da literatura de tendências sociais ou em posições antipodas, que não exija para a obra de arte a unidade entre a forma e o conteúdo. Eis um ponto onde todos parecem estar de acordo.

Ora, na presença de qualquer obra literária, o crítico teria de se limitar a reconhecer se essa obra possui os elementos literários indispensáveis para a aceitarmos como soneto, ode, romance, conto ou novela. Dado o veredicto, integrada a composição num dos géneros literários, o crítico tinha o dever de se inibir de entrar em considerações que nem sempre se nos afiguram lógicas, e muitas vezes testemunham uma confrangedora ignorância noutros campos alheios ao domínio da literatura. Se, na verdade, se exige ao romancista o conhecimento da vida e dos homens, se se exige uma cultura ampla que lhe faculte a interpretação do momento histórico que vive, ao crítico compete-lhe, da mesma forma, acertar o seu passo com a hora que bate em todos os relógios da nossa época. Ora, se o crítico confessa que não compreendeu determinada obra, quais os motivos que o impulsionam ainda a dar a sua apreciação sobre um livro que não chegou a compreender? Não seria preferível abster-se, poupar-se a juízos levianos, confessar abertamente a sua inépcia como crítico, em vez de repisar raciocínios e argumentos que não passam, na realidade, de grosseiros truísmos? Mas até críticos

da estirpe dos Sainte-Beuve tem desses equívocos e precipitações. Classificar um romance de obra de pura propaganda, quando, previamente, se teve o descuido de classificar o livro como romance é, realmente, manifestar inteira incompreensão ou ignorância pelas normas do seu ofício. Em todos os séculos, em todas as idades, encontramos artistas e escritores em que caiu o labéu de propagandistas. Isso não impediu que entrassem na história e permaneçam mais vivos do que muitos desses críticos que andam por aí a deriva, ao sabor dos ventos mornos e navegando em águas turvas. Aristófanes, Voltaire, Diderot, Goethe, Shakespeare, Cervantes, Gogol, Stendhal e tantos outros, testemunham claramente que foram homens da sua época, permeáveis às ideias do seu tempo e até, em muitos casos, esforçados divulgadores de ideologias.

Supomos que foi o escritor norte-americano Upton Sinclair que lançou esta fórmula rebarbativa: «Toda a arte é propaganda». Não há, efectivamente, excessivo exagero em tal afirmação. Na verdade, não há obra que não nos transmita uma concepção de vida e não nos dê uma interpretação da sua época; o difícil, o que não encontramos facilmente é a ausência das ideias do autor, a inexistência dos problemas que agitarão o seu tempo.

Entendidas assim as coisas, toda a obra de arte tem objectivos de propaganda. Mas, se considerarmos o «Germinal», de Zola, como obra de propaganda, devemos encarar «O Discipulo», de Paul Bourget ou «O Grande Industrial», de Jorge Onhet, também como produto de propaganda; se considerarmos «O Espião», de Gorki, integrado na literatura de tendências sociais (propaganda), teremos de colocar no mesmo plano a obra de um François Mauriac.

Simplemente, os críticos abrem fronteiras na arte e na literatura. Certas ideias sedimentadas pelos anos, homologadas e aceites por gerações sucessivas, participando



Trabalhadores do concelho de Loulé confeccionando vassouras de palma

ARTESANATO ALGARVIO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

na alma dos louletanos, algo que deita raízes muito fortes e fundas na tradição, sem prejuízo (como sempre acontece em casos assim) do espírito de progresso que é também uma das marcas do carácter local. O concelho alargava-se na Carta do Algarve desde o Vascão ao mar, numa extensão de 46 quilómetros. A largura máxima é dada entre os sítios de Cabouqueiros, na freguesia de Alte, e Montes Noyos, na de Salir, cobrindo 29 quilómetros. Lemos numa curiosa monografia que o louletano costuma dizer, com afectação, ser o seu concelho limitado ao norte pelo Alentejo e ao sul pelo Oceano Atlântico. Outros algarvios, querendo «amigavelmente» ironizar o «bairrismo» dos louletanos, acrescentam que o Algarve se divide em três zonas distintas: Barlavento, Sotavento... e Loulé! O facto é que, nas suas andanças algarvias, o jornalista, avesso a ideias preconcebidas, foi forçado a concluir pela supremacia de Loulé no campo do respeito e do culto pelos valores tradicionais, isto sem desprimor para com outras cidades, vilas e aldeias do Algarve, pois em todas elas abundam, às mãos-cheias, motivos de agrado e louvor.

Também no que se refere a artesanato, Loulé tem a primazia. Desde a cadeira de tabua à obra de caldeireiro, desde o trabalho de palma, esparto e palha, às rendas e às malhas, desde as chaminés de barro às louças, a região é um rico manancial de variedades artesanais, entre os quais poderemos citar ainda as mantas e as bonecas de trapo, o linho serrano, as flores de papel e as velas de cera. A indústria familiar dos cobbres é uma das mais características e rendosas. Fundada por ciganos húngaros e italianos, desenvolveu-se e aperfeiçoou-se de maneira notável, sendo hoje principalmente trabalhada por duas grandes famílias de caldeireiros, os Barrachas e os Carrilhos. Vimos pequenas obras-primas nos seus armazéns, umas mantendo os traços da pureza original, outras já com preciosismos desvirtuadores para o gosto dos novos-ricos, mas todas notavelmente executadas, com autêntico senso artístico e caprichos de perfeição. Braseiras, alguidares, cântaros, jarros, candeeiros, objectos de adorno e cinzeiros, formam a parte mais valiosa do conjunto de trabalhos em cobre. Mas deve salientar-se a existência de outras peças raras, como por exemplo caldeiras para destilação do figo e do medronho, como não encontramos até hoje em parte alguma de Portugal.

A palma, o esparto, a pita e a juta constituem, entretanto, a mais valiosa das indústrias caseiras de há muito tempo no sistema ideológico dum determinado sector da sociedade, são acolhidas favoravelmente, enquanto outras ideias não encontram qualquer aceitação por parte desses críticos. Assim, não é muito difícil verificarmos o absurdo de se considerar uma obra como propaganda, da mesma forma que se isentam outras dessa acusação. Mas a explicação do fenómeno ultrapassa, na verdade, os limites puros da literatura, e devemos procurar-lhe antes nos domínios da sociologia. Julgamos ainda que o melhor processo de aquilatar o valor de qualquer obra é integrá-la no tempo do seu autor — só assim poderemos ajuizar das verdades ou dos erros, que a obra encerra.

Procuraremos, num próximo artigo, indagar das ou não razões que existem para considerarmos a literatura como propaganda.

Júlio Martins

louletanas, ocupando, em regime de verdadeiro artesanato, a actividade das donas de casa, aos séculos, bem como os seus familiares e pessoal doméstico. Cerca de 5.000 pessoas se empregam neste trabalho artesanal, produzindo balsas, alcofas, seiras e seiras, esteiras (de «empreita» e de «malha»), chapéus, cordoaria, redes e capachos para lagares de azeite, isto se quisermos falar apenas nas principais espécies. Assinala-se, como curiosidade económica, que a palma é importada de Espanha, outras matérias-primas vêm de Marrocos — e os produtos, depois de concluídos, acusam já um razoável índice de exportação...

Seguindo viagem encontrámos, disseminados pelo concelho, mais de 50 oficinas e 40 telheiros, fabricando tijolo e ladrilho. Vivem também em regime de indústria doméstica, passando a «arte» de pais para filhos. Cada oficina tem, de um modo geral, 2 ou 3 artefices. E, antes de irmos adiante, é justo escrever igualmente algumas palavras sobre a indústria local de sapataria, cujo trabalho se mantém ainda todo manual. 60 patrões dão mão-de-obra, neste mister, a 800 operários, espalhando depois os seus produtos pelas feiras de todo o País!

Em Loulé revelou-se-nos, por último, um original artista modelador, que executa lindas miniaturas de chaminés algarvias, reproduzindo vários modelos regionais.

Mas seria injustiça resumir o artesanato do Algarve ao muito que vimos e apreciamos no concelho de Loulé. Impossível deixar no esquecimento os saborosos doces algarvios, principalmente os de Lagos, famosos pela concepção artística que preside à sua feitura, sendo lícito destacar neste capítulo a família Taquelim, que apresenta verdadeiras exposições de «obras de arte» em doçaria. O ovo, a amêndoa e o figo formam o corpo e a alma dos doces de Lagos, que encontram forte concorrência nos de Tavira, em especial na consagrada «bola-de-folha» e nos apreciadíssimos «figos-cheios»...

E o desfile maravilhoso continua: em Moncarapacho, as curiosíssimas canastras feitas com rebentos dos troncos das alfarrobeiras; em Olhão, os típicos «cloques», graciosos chinelos de ouro, cujo nome reproduz o próprio ruído que produzem nas ruas estreitas da «vila cubista»; em Monchique, os rijos bancos de castanho e os característicos cajados que usam os pastores, trabalhados com o ferro em brasa (pirogravura primitiva...), não tendo concorrência possível de outras terras algarvias, pois é esta a única região do Algarve onde há castanheiros; em Castro Marim, as cestas e canastras de canas, de cuja produção vivem numerosas famílias, bastando citar como exemplo a freguesia de Odeleite; em Alcoutim, as mantas de trapo, os males e as melas de lã, indústria totalmente caseira, com o uso, tão belo e tão antigo, das poéticas «rocas»; e finalmente, em Portimão, Vila Real e Faro, com a realização, em escala menor, de parte dos produtos artesanais a que já fizemos menção quando nos detivemos em Loulé.

Como esclarecimento e complemento, deve acrescentar-se que o artesanato tem um dos seus expoentes mais curiosos na freguesia do Azeitão (Castro Marim), onde a quase totalidade das mulheres e raparigas se dedica à confecção de rendas de bilro, algumas destas executadas sobre desenhos feitos pelas próprias rendeiras e, portanto, originals.